

## EDITORIAL: Geografias em perspectivas negras

Geny Ferreira Guimarães

Aline Neves Rodrigues Alves

Adriana Carvalho da Silva

Eduardo Oliveira Miranda.

*“...a bela negra que veio do Sudão e ostenta uma profusão de panos coloridos e cobre a cabeça com um turbante que mais parece uma coroa de rainha.”*

**Milton Santos, 1960.**

Ao contrário do que imaginamos, as Geografias Negras não são tão recentes. Sabemos que o mundo é racializado e muitos equívocos existem quando adotamos um único viés analítico, ou melhor, quando promovemos a manutenção de que existe um grupo racial modelar a ser seguido, produzindo conhecimento, e que todos os demais sujeitos permanecem no campo do diferente, do “Outro” (CARNEIRO, 2005; MORRISON, 2019). Mais grave ainda é constatar que temos estipulada uma diferença que garante privilégio unilateral, hierarquicamente pontuada por critérios de inferioridade para os considerados outros e de superioridade para o grupo padrão. Além disso, é preciso considerar que a racialização está voltada para alguns grupos e não para todos, situação que por muito tempo vem definindo as relações de poder entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa.

A Geografia Contemporânea se debruça fortemente em reposicionar alguns estudos geográficos do passado que continham o que podemos chamar de Geografia Única, no tocante aos estudos territoriais e avançam não ignorando as existências dos corpos humanos transformando e sendo transformados pelos espaços. É necessário repensar o consagrado canonicamente como o único viés geográfico e compará-lo em alusão à História Única, apresentada criticamente por Chimamanda Adichie (2019) em uma palestra proferida no TED Talk (2009). Segundo Adichie (2019) a História Única cria estereótipos e acaba produzindo, por consequência, uma única história, contada e

acreditada por muitos povos, por vários lugares no mundo e durante tempo demais. O problema avança para outras áreas e chega também na Geografia, que não fica imune a esse pensamento, pois os acontecimentos se dão no tempo e no espaço. Contudo, ao pensarmos que as catástrofes, as mazelas, as doenças e a pobreza são designadas exclusivamente para a África e para a diáspora africana no mundo, inviabilizamos outras histórias e geografias que nunca foram pesquisadas e conhecidas, assim:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32)

O mesmo acontece com a Geografia, muitas Geografias importam, são empoderadas e humanizadas no que diz respeito à dignidade dos povos negros, sejam os africanos e os diaspóricos. Contaram a história de que Milton Santos nunca teceu críticas raciais nas suas pesquisas, quando na verdade é possível confirmar análises racializadas em suas obras que não começam na sua escrita, mas na própria presença negra desse intelectual na academia geográfica. Então, entre seu corpo e suas teorias, não é viável uma separação, um isolamento de ambos os aspectos que compõem sua existência. Contudo, “Milton Santos tinha muito cuidado e definia muito bem as fronteiras narrativas ao expor sua vida pessoal e modulava com muita astúcia o que poderia ser dito e o não-dito” (MARÇAL, p. 14-15). O que aprendemos com a ciência tradicional é que a neutralidade seria um elemento central. Com o passar do tempo, a visão de ciência não ficou no passado e vêm acompanhando os movimentos da sociedade. Podemos concordar que as fronteiras impostas ao cientista Milton Santos não cabem mais no século XXI na Geografia que fazemos atualmente. Dessa forma, vale considerar que o não dito é dito explicitamente porque é geográfico e, assim, vamos avançando cartografando “um mapa para a porta do não retorno” e “notas sobre o pertencimento” (BRAND, 2022). A Geografia precisa estar atenta às múltiplas interdisciplinaridades possíveis, às perspectivas teórico-conceituais atualizadas, aos métodos e metodologias apropriadas e próprias para o não dito.

Meu avô disse que sabia de qual povo nós viemos. Eu recitei todos os nomes que sabia. Iorubá? Ibo? Ashanti? Mandingo? Ele disse não para todos e disse que saberia se ouvisse o nome. Eu tinha treze anos. Eu estava ansiosa para que ele lembrasse. (BRAND, 2022, p. 17)

Como podemos lembrar das geohistórias nunca antes contadas? Milhares e milhares de famílias vivem com essa mesma interrogação: qual a nossa origem africana? De qual povo especificamente viemos? Dionne Brand conta que o seu avô nunca se lembrou, mas talvez ele nunca tenha sabido. E, ela menciona que perguntou durante muito tempo até que deixou de perguntar e seguiu decepcionada, tanto ela quanto o seu avô e viveram nessa decepção mútua geradora de um distanciamento, uma fenda, uma lacuna que se abria entre eles, ainda conta que,

[c]om o tempo, a lacuna mudava em forma e luminosidade conforme a pergunta que evocava mudava em aparência e ângulo. O nome do povo de onde viemos parou de importar. Um nome consolaria uma menina de treze anos. A pergunta, no entanto, era mais complexa, mais matizada. Aquele momento que meu avô e eu compartilhamos há décadas revelou uma brecha no mundo. Uma resposta firme teria emendado essa falha geológica rapidamente. Eu seguiria adiante feliz com um simples nome. Eu teria brincado com esse nome por uns dias e então o guardaria. Esqueceria.. Mas, a ruptura que essa troca com meu avô revelou era maior que a necessidade de laços familiares. Era uma ruptura na história, uma ruptura na qualidade de ser. E também era uma ruptura física, na geografia. (...)

E isso foi profundamente perturbador. (BRAND, 2022 p. 18-19).

Essa lacuna presente em nossas vidas negras diaspóricas e na Geografia começa e ser preenchida por pesquisas, projetos de extensão, formação de professores/as, contação de histórias, buscas e encontros, conhecimentos e reconhecimentos em metodologias outras para muitos e metodologias próprias para vários/as de nós. Ainda, recorrendo à Dionne Brand, concordamos que essa fenda, lacuna, fissura, é representada na “Porta do Não Retorno”: aquele lugar de onde nossa ancestralidade partiu de um mundo para

o outro; do Velho Mundo para o Novo. O lugar onde todos os nomes foram esquecidos e todos os começos, reencenados” (BRAND, 2022, p 19), e mais ainda,

Em um sentido desolador, essa porta foi o lugar de criação das pessoas Negras na Diáspora do Novo Mundo e significou ao mesmo tempo o fim de começos traçáveis. Começos que se deixam observar por meio de um nome ou um conjunto de histórias familiares que vão ainda mais longe no passado do que quinhentos e poucos anos, ou os tipos de começos que podem ser expressos em um nome que, por sua vez, marca nosso território (...) um lugar de começos esvaziados - como um local de pertencimento e de não pertencimento. (BRAND, 2022, p. 19-20)

A busca de Dionne Brand é a mesma de muitas negras e negros, inclusive intelectuais da ciência geográfica, ou seja, geógrafos/as negras/os. A escritora nos faz pensar em nossa Presença no mundo, com letra maiúscula, assim Negras e Negros vêm protagonizando suas existências, algumas vezes verbalizadas por meio de escritas, às quais Conceição Evaristo (2005) nos brinda com reflexões sobre as heranças “da grafia-desenho” de nossas mães que podem ser lidas como “os lugares nascimento” de nossas escritas que (GUIMARÃES, 2014) também chama de “lugares-resistências”. As nossas mães podem ser as biológicas, mas também podem ser as nossas mães das várias e distante-perto famílias ancestrais africanas que nos mantém conectadas(os), mesmo diante das rupturas com conhecimentos ancestrais africanos, ocasionadas pela colonização, e que ao longo do tempo geraram desconhecimentos, esquecimentos, apagamentos promovidos pela “História Única” (ADICHIE, 2019). No momento que vivemos estamos buscando conhecer e reconhecer! Sim, é verbo porque é ação cotidiana. Assim, as epistemologias negras ou “afroepistemologias” (GARCIA, 2018) seguem avançando e afirmando que nossas histórias, geografias, passados ancestrais, resistências, existências e corpos importam! E importam porque “questões negras são questões geográficas” (MCKITTRICK, 2006, p.xii).

Buscando encontrar respostas para nossas perguntas é que geógrafas/os negras/os do mundo negro-diaspórico vêm se conectando por meio das Geografias Negras e assim surgiu a ideia do Dossiê Temático, aqui denominado “Geografias em perspectivas

negras”. O material demorou um tempo para ser finalizado, foram quase dois anos de organização e reuniu, para além de geógrafos/as negras/os, outros pesquisadores/as que também trazem suas inquietações e reflexões. Esta edição segue após publicações relevantes no campo, como o Caderno Temático em Geografias Negras (2020) da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/as (ABPN) e o Caderno Temático Geografias Negras no Espaço Escolar, da Giramundo: Revista do Departamento de Geografia do Colégio Pedro II (2021). Ambos os cadernos indicam que pesquisa, ensino e escola não caminham separados. Acrescentamos que são esforços coletivos porque sem o comunitarismo não conhecemos nossas geohistórias. Que sejam somadas à essas iniciativas várias outras, na mesma direção, para alcançarmos o fortalecimento das Geografias Negras no Brasil, enquanto, o já não mais duvidado, campo de estudos negros da ciência geográfica e que “[n]os últimos 20 anos, entretanto, emergiu uma considerável produção que busca articular a dimensão geográfica/espacial às relações raciais com um viés crítico” (MARÇAL *et al*, 2020, p. 6).

Essa Edição Especial “Geografias em perspectivas negras” representa mais um Dossiê Temático com diferentes possibilidades de perspectivas geográficas negras. Sua elaboração significa que o campo das Geografias Negras não é homogêneo, mas diversificado em análises, corpus teórico-conceitual, epistemologias, métodos e metodologias. Sendo assim, os artigos apresentados nesta edição representam resultados de pesquisas que envolvem as Geografias das Relações Raciais, Geografias e Geografias Negras. Contemplam abordagens das existências, experiências e vivências cotidianas do povo negro, corpo-território-identidade, com as interfaces entre gênero, raça, sexualidade e classe, sendo uma edição composta por textos que visam contribuir com perspectivas afirmativas, de resistência e antirracistas e que foram recibos pela chamada inicial para a publicação e distribuídos ao longo desta edição a partir de três eixos, sendo eles:

### ***Eixo 1 - Corpo-território e as interfaces entre gênero, raça e sexualidades***

Os textos aqui agrupados trouxeram em suas escritas as corporalidades como o campo de ser, viver, criar e sentir as geografias. Dessa forma, estão expressas nas escritas

dos nossos corpos-territórios a compreensão do mundo e com isso a insubordinação que direciona às insurgências. Tais textos se debruçaram sobre o corpo-território na América Latina, como um convite para exercitar as intersecções dos marcadores de raça, gênero, sexualidades e suas reverberações nas espacialidades. Neste sentido, tais escritas trazem as bricolagens dos conceitos geográficos a partir das corporalidades subalternizadas nas mais distintas possibilidades sociais.

### ***Eixo 2 - Epistemologias negras e ciência geográfica***

O presente eixo reuniu produções teóricas que se debruçaram em analisar a espacialidade das experiências negras nas Américas e as diferentes formas de ocupação de tais grupos sob a ótica de conceitos fundamentais da ciência geográfica. Em destaque, temos escritas acadêmicas que apontam processos de descolonização epistêmica da Geografia e/ou do ensino de Geografia no Brasil, a partir da Lei Federal Nº 10.639/2003, que altera/complementa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica. Tais produções, ao apontar análises a partir da racialização do espaço, podem ser lidas em seu conjunto enquanto resultados das mobilizações das lutas antirracistas na diáspora africana.

### ***Eixo 3 - GeoNegras e Diferentes Linguagens***

Neste grupo estão reunidos trabalhos com o perfil dentro de perspectivas geonegras – abarca discussões em Geo-grafias e Geografias Negras, ou seja, o sentir, pensar e fazer geográfico enegrecido em suas referências, epistemologias, métodos e metodologias – que buscaram a superação do epistemicídio geográfico e, conseqüentemente, o desenvolvimento da afirmação negra no currículo da geografia acadêmica e escolar. O Eixo reflete as possibilidades de diálogos interdisciplinares com outras áreas do conhecimento (cartografia, história, literatura etc.) e linguagens (artes em geral).

Dessa forma, o presente dossiê se configura como uma das estratégias de continuidades das políticas instauradas pelos movimentos de resistências e insurgências negras e ratificação do óbvio: Geografias Negras sempre existiram! Portanto, reunir artigos sobre

o supracitado campo de investigação corrobora para fortalecer as certezas coletivas de que estamos escrevendo outros vieses sobre as possibilidades da ciência geográfica. Segundo Fanon, a descolonização é, em verdade, “a criação de homens novos” (FANON, 1968, p. 26) que contém em si um exercício profundo de reexame, capaz de nos modificar e trazer a perspectiva de uma nova humanidade ou mesmo as raízes geradas “nos jardins de nossas mães” (WALKER, 2022), nossa busca incessante e diária.

#### Referências:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Júlia Romeu. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2019.
- BRAND, Dionne. **Um mapa para a porta do não retorno**: notas sobre pertencimento. Tradução de Jess Oliveira Floresta. Rio de Janeiro: A bolha, 2022.
- CADERNO TEMÁTICO “GEOGRAFIAS NEGRAS”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. Ed. Especi, p. 3-11, abr. 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/851>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- CADERNO TEMÁTICO GEOGRAFIAS NEGRAS NO ESPAÇO ESCOLAR. **GIRAMUNDO: Revista do Departamento de Geografia do Colégio Pedro II**. v. 7, n. 15, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/index> Acesso em 23 jan. 2022.
- CADERNO TEMÁTICO GEOGRAFIAS NEGRAS NO ESPAÇO ESCOLAR. **GIRAMUNDO: Revista do Departamento de Geografia do Colégio Pedro II**. v. 8, n. 16, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/index> Acesso em 23 jan. 2022.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. USP. São Paulo, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p.16-21.
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- GARCÍA, Jesús Chucho. Afroepistemologia e afroepistemética. In: WALKER, Sheila. (Org.). **Conhecimento desde dentro**: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias. Tradução de Viviane C. Antunes. Rio de Janeiro: KiTaBu Editora, 2018, p. 85-105.

- GUIMARÃES, Geny Ferreira. De ações-resistências às ações afirmativas. In: SANTIAGO, Ana Rita; MACÊDO, Marluce de Lima. **Entre narrativas e metáforas: direitos, educação e populações negras no Brasil**. Cruz das Almas: UFRB, 2014.
- MARÇAL, Diogo Cirqueira. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnicoracial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás (UFG), Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA), 2010.
- MARÇAL, Diogo Cirqueira; Guimarães, Geny Ferreira; SOUZA, Lorena Francisco de. (Orgs.). Introdução do Caderno Temático “Geografias Negras”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. Ed. Especi, p. 3-11, abr. 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/851>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- MCKITTRICK, Katherine. **Demonic Grounds: black women and the cartographies of struggle**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2006.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães. In: WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**. Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, p. 209-219.